

Intelectuais da cidade contra a criação da SEC

F. GUALBERTO

Intelectuais e artistas da cidade continuam contra a criação da Secretaria de Cultura e se revoltam com o que chamam de "desconhecimento" da cidade pelo governador José Aparecido, que chamou o movimento "Brasília, Cultura, Democracia" de minoria. Aqui, algumas opiniões.

Glênio Bianchetti — Isto tudo que o governador está dizendo é uma inverdade. Eu nunca vi em Brasília um movimento cultural que envolva tanta gente — e gente de todas as áreas e de todos os segmentos sociais. O governador está desinformado. A confusão é tão grande que já houve a demissão de uma secretaria que não existe e de um cargo que não existe. Não se sabe para que é esta secretaria. Depois desta demissão vai haver outra crise logo logo porque não existe nenhum plano de trabalho e porque não existe respaldo dos criadores. Eu ouvi falar no nome desta senhora que está ocupando a secretaria de Cultura pela primeira vez. Mas isto é o que interessa menos. O que interessa é mudar as regras do processo e permitir uma participação efetiva da classe artística nas decisões".

(Glênio Bianchetti, 57 anos, 35 de pintura, está em Brasília desde 1962, — quando veio convidado para ser professor na Universidade de Brasília — criador do Clube de Gravura juntamente com Glauco Rodrigues, Carlos Scliar, Vasco Prado, entre outros. Participou de mostras nacionais e internacionais).

Geraldo Moraes — O argumento mais simples para rebater a acusação de "fisiologismo" atribuída aos artistas da cidade pelo governador José Aparecido é o de que se nós estivéssemos procurando emprego seríamos inteiramente a favor da secretaria de Cultura. A proposta de um debate aberto é o argumento mais forte contra a acusação de que estamos querendo emprego. Com isto nós estamos automaticamente ligados aos empreguismos. A nossa luta não está no nome, e sim em uma política cultural democrática no sentido de tornar a cultura tão autônoma quanto possível do patrocínio do Estado. Vejam só o exemplo da Embrafilme. Durante todos estes anos de existência, ela financiou projetos, distribuiu verbas para os produtores e, no entanto, o cinema brasileiro continua sem recursos, os profissionais sem poder trabalhar, os projetos engavetados. O que nós precisamos do Estado é de que crie mecanismos que tornem possível uma maior autonomia da criação, de maneira que os próprios produtores e criadores disputem os espaços na base da competição e não na base do favoritismo".

(Geraldo Moraes é cineasta e professor da Universidade de Brasília desde 67. É o diretor do filme A Difícil Viagem e foi um dos fundadores do movimento de teatro amador em Brasília).

B. de Paiva — "Eu acho que o governador tem todo o direito de ter os pontos de vistas pessoais dele. O que ele tem de entender é que a comunidade artística de Brasília gostaria de discutir a criação da secretaria de cultura. Se ele não considera este movimento representativo, eu também não considero representativo o fórum dos Secretários de Cultura em que José Aparecido se baseou para criar as secretarias de cultura. Não gostaria de ver o mesmo que aconteceu com as secretarias criadas em outros estados e com o Ministério da Cultura. A criação das secretarias de cultura foi pior que o terremoto de Bangladesh. Brasília é menor que Fortaleza. No Ceará não tem dinheiro nem para varrer o chão. O problema não é de nomes, não tenho nada contra esta senhora que está entrando agora na secretaria assim como não tenho nada contra minha mãe. No entanto nunca coloquei a minha mãe em minhas peças de teatro. Então eu apelo para que o José Aparecido abra o diálogo porque que sei que ele é um homem interessado na questão da cultura. Ele fez cinco operações de safena preocupado com a questão da cultura".

(B. de Paiva ex-reitor da União, do Conservatório Nacional de Teatro. Diretor, ator, dramaturgo e crítico de teatro. Coordenador do projeto integração educação e cultura, da Secretaria de Cultura do Ministério da Cultura).

Néio Lúcio — "Por acaso eu já estive com Vera Lúcia Pi-

nheiro aqui em minha sala na Fundação Cultural do Distrito Federal, quando conversamos a respeito de seu trabalho na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Achei-a muito simpática e aberta. Pelo que eu li, ela tem idéias de atuação nas cidades-satélites... Realmente, os movimentos das satélites desejam centros de criatividade e salas de espetáculos gerenciados pelos próprios artistas locais. Eu venho discutindo com estas pessoas. A Fundação Cultural já vem fazendo um trabalho de reuniões com associações e organizações de classe, onde eles próprios dizem o que desejam. Há o diálogo e a disponibilidade para ouvir, indiscriminadamente, todo mundo. Eu não conheço muito o trabalho de Vera Pinheiro, mas acho também que qualquer pessoa que viesse depois do Zeca seria melhor".

(Véio Lúcio é ator de teatro e animador cultural de Brasília há mais de 15 anos. Responsável pela criação e o funcionamento dos Concertos e da Galeria Cabeças. Atualmente é Assessor para Assuntos Comunitários da Fundação Cultural do Distrito Federal).

João Antônio — "Eu não tenho nada pessoalmente contra a professora Vera Lúcia Pinheiro. Acho que ela poderia até fazer um excelente trabalho, numa secretaria que tivesse sido discutida com a comunidade artística. Nós estamos — e continuaremos — brigando pelo processo truculento de criação e indicação desta Secretaria de Cultura, que não consultou, sequer manteve diálogo, com a comunidade artística do Distrito Federal".

(João Antônio é ator, diretor e professor de teatro. Coordenador da área de Artes Cênicas do Departamento de Desenho da Universidade de Brasília).

Vladimir Carvalho — "A coisa mais importante, na minha opinião, neste processo todo é o chamamento feito sobre a necessidade de se discutir uma política cultural para o Distrito Federal. Acho que o governador José Aparecido deveria executar um plano geral de uma política cultural. A discussão de um nome para ocupar a Secretaria de Cultura é consequência deste processo. O ponto focal é a discussão de um plano cultural para o Distrito Federal. O que eu entendo é que a política cultural do DF poderia ser centralizada na Fundação Cultural do Distrito Federal. A Secretaria já é a Fundação Cultural: um órgão que vai executar os planos para uma política cultural de acordo com os anseios da comunidade".

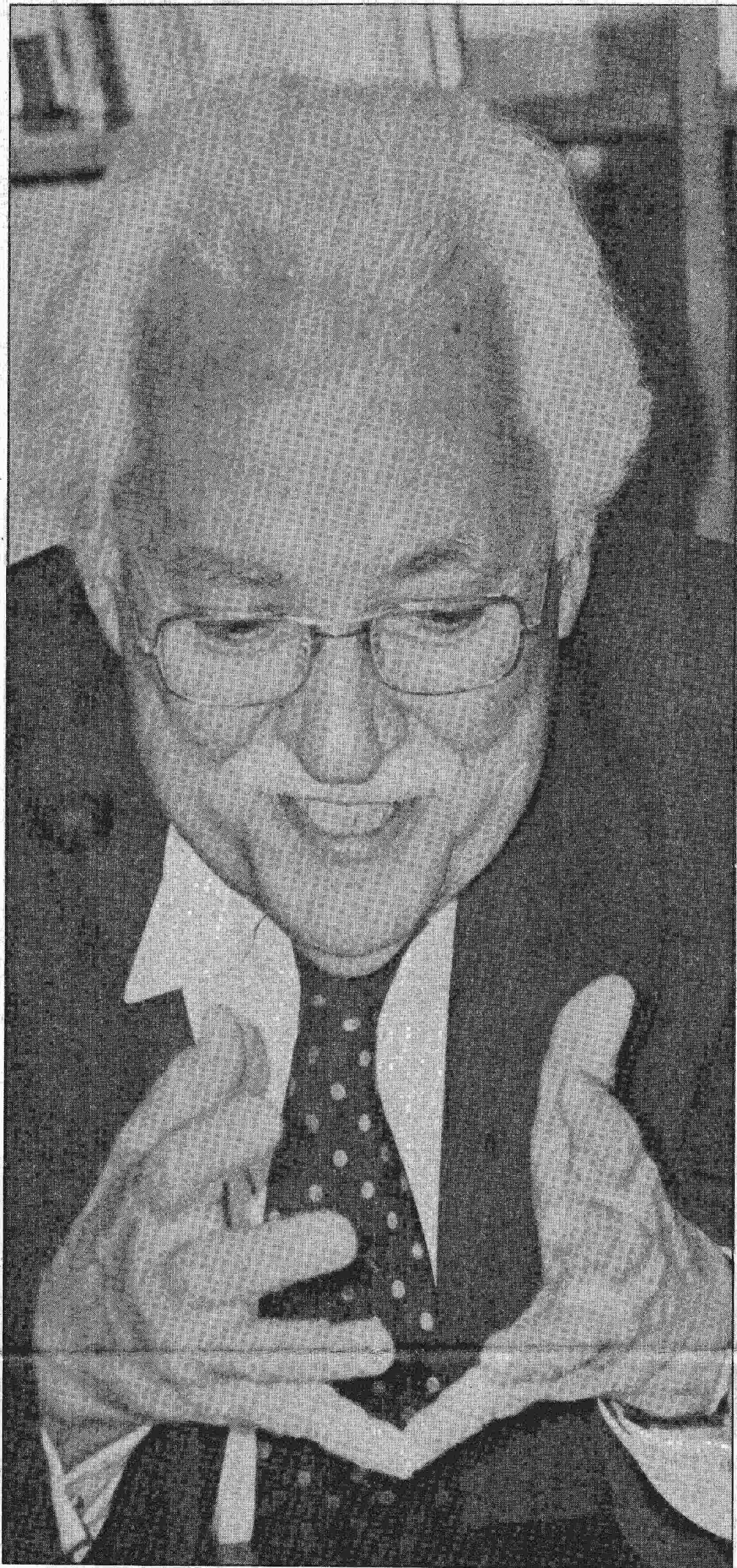
(Vladimir Carvalho é cineasta, professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília).

Ezio Pires — "Vou falar em nome do Sindicato dos Escritores. O Sindicato tem participado do movimento considerado saudável, que é o "Brasília, Cultura, Democracia", por discordar do processo que foi durante 20 anos adotado pelo autoritarismo e que agora recebe reedição com o novo governador do Distrito Federal, José Aparecido, de imposição de uma Secretaria de Cultura, sem qualquer consulta e discussão com as entidades interessadas. Estranha, ainda, o tom do discurso do novo governador, dizendo que diante da resistência vai demitir seus auxiliares na área".

(Ezio Pires é poeta, presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Reside em Brasília há 25 anos).

Sérgio Moriconi — "Estou engajado na luta contra a Secretaria e não discuto nomes — inclusive não conheço Vera Lúcia Pinheiro e não posso dizer nada sobre ela — porque o fundamental de tudo é a forma autoritária como vem sendo conduzido o processo de criação desta Secretaria da Cultura. A classe é ignorada e colocada à margem das discussões. Outra coisa preocupante é ver, ao longo desta situação que se criou, como o governador José Aparecido ignora completamente as questões culturais da cidade. Isto se revela quando ele despreza entidades legítimas e representativas de diversos setores culturais, atuantes já há vários anos no Distrito Federal (com uma história longa de lutas)".

(Sérgio Moriconi é cineasta, autor dos curtas "Carolino Leobas" e "Perseghini". Mora em Brasília há 25 anos e atualmente trabalha no Núcleo de Tele-Educação da Fundação Educacional do Distrito Federal).



Pompeu rebate críticas de José Carlos e diz: forças ocultas obrigaram sua demissão